

CIDADE DOS AZULEJOS: suas lendas e encantos

Odalía Alves da Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Luís – MA

INTRODUÇÃO

Neste artigo relata-se as aventuras vividas pela turma do 3º período vespertino do Centro de Educação Infantil “Recanto dos Pássaros” no ano de 2005, concernentes às atividades desenvolvidas no Projeto “São Luís: Passado de Glórias, Presente de Transformações e Futuro de Esperanças” cujo objetivo geral era o conhecimento e a familiarização por parte dos alunos do gênero literário “lendas”. É importante frisar que aquele foi o nosso primeiro ano de experiência como professora da Rede Municipal de Ensino de São Luís e o primeiro ano de funcionamento da escola, portanto, estávamos passíveis de erros e acertos. O interesse por essa temática vem sendo aguçado desde a nossa Formação Inicial em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, nas disciplinas de Alfabetização: teoria e prática, Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Estágio em Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Estágio em Magistério das Disciplinas Pedagógicas. A escola, enquanto *locus* privilegiado de Formação Continuada tem possibilitado às professoras a realização de trabalhos com textos, realizando-se assim, a aliança entre a teoria e a prática.

DESENVOLVIMENTO

Por ocasião do Dia do Folclore, 22 de agosto, e do aniversário de 393 anos da cidade de São Luís em 8 de setembro, pensou-se na viabilidade da realização do projeto “São Luís: Passado de Glórias, Presente de Transformações e Futuro de Esperanças”, onde estávamos trabalhando com o gênero textual lendas, fazendo um resgate da cultura oral, escrita e arquitetônica de São Luís.

Inicialmente, fez-se um levantamento dos conhecimentos prévios dos discentes, procurando identificar que lendas já eram conhecidas pelo grupo. Um dos nossos alunos, William, respondeu que conhecia a Lenda do Bicho-papão, havia lido em uma revista, um outro, João Gabriel, declarou que já tinha assistido a Lenda do Curupira

e do Saci, na TVE Brasil. Informou-se ainda a diferenciação existente entre lendas, contos, poesias e quadrinhas.

Posteriormente, realizou-se a apresentação da Lenda da Praia do Olho D'Água¹ (em cartaz e no caderno de leitura), na modalidade poesia, de Stella Leonardos e o texto narrativo de Jomar Moraes². O trabalho com a lenda, deu-se da seguinte forma: identificação dos personagens, conversa informal sobre os indígenas que habitaram a Ilha de São Luís antes da chegada dos europeus, reconto oral e produção de texto coletivo com registro no caderno, localização de palavras na lenda, texto lacunado e montagem da poesia a partir de versos desordenados.

Em seguida, foi a vez de conhecermos a Lenda da Serpente de São Luís³. Para este momento, fez-se algumas adaptações no prédio escolar, na sala de multimídia; fechou-se com caixas de papelão e TNT todas as entradas de luz da sala, ligou-se o som com uma música clássica de fundo e as crianças foram entrando, uma a uma num clima de total mistério... Quando todas elas se encontravam no recinto, a professora começou a contar a Lenda da Serpente e houve muito alvoroço; a qualquer coisa que se mexia do lugar, as crianças logo gritavam, “é a serpente!”.

Nesse clima de escuridão e silêncio realizou-se a leitura dos vinte e um capítulos da obra “Touchê: uma aventura pela cidade dos azulejos” de Wilson Marques. A leitura se transformou em um hábito para as crianças, pois logo após o lanche escolar, elas começavam a fechar as janelas e a desligar as lâmpadas, para a professora começar a contar histórias.

A obra “Touchê” conta a história de um menino chamado Rafa que fora fazer um passeio ao Centro Histórico de São Luís com a sua turma da escola. Mas por ser muito distraído, acaba esquecendo de descer do ônibus junto com os amigos. Percebendo que estava sozinho e perdido pelo Centro Histórico ele começa a andar pelas ruas e encontra um sujeito muito esquisito, com aparências cadavéricas – Touchê – que começa a lhe contar muitas histórias sobre a cidade de São Luís. Juntos, Rafa e Touchê fazem um belo passeio pelo Centro da cidade.

¹ Esta lenda trata de uma estória de amor na qual a filha de um chefe indígena que se chamava Itaporama apaixonou-se por um jovem guerreiro de sua tribo. Por este mesmo jovem encantou-se Iara, a Mãe D'Água que termina levando-o para o fundo do mar. Depois de tal acontecimento, a filha de Itaporama chora profundamente e de suas lágrimas formaram-se dois olhos d'água que até hoje correm para o mar.

² Presidente atual da Academia Maranhense de Letras – AML.

³ Esta lenda conta que existe uma serpente encantada nas galerias subterrâneas do Centro Histórico de São Luís e que a cabeça da serpente encontra-se na Fonte do Ribeirão, a barriga na Igreja do Carmo e a cauda na Igreja de São Pantaleão e que no dia em que a cabeça e a cauda da serpente se encontrarem toda a Ilha de São Luís irá afundar nas águas do mar.

Em sala de aula, em uma exposição permanente encontravam-se cartões postais da Fonte do Ribeirão, onde segundo a lenda, se encontra a cabeça da serpente e da Igreja do Carmo local onde está localizada a barriga da serpente. Espontaneamente, as crianças paravam em frente aos cartões postais e ficavam perguntando: “onde está a cabeça da serpente? Eu não estou vendo”. E outros respondiam: “está ali, dentro das grades”, se referindo às grades existentes na Fonte do Ribeirão.

Semelhante à Lenda da Praia do Olho D’Água, com a Lenda da Serpente, desenvolveu-se atividades de Linguagem Oral e Escrita.

Tendo conhecido a Fonte do Ribeirão e a Igreja do Carmo via cartão postal e também através do livro “Touchê” é chegada a oportunidade de realizarmos o nosso passeio semelhante ao do Rafa. Foi numa tarde de sexta-feira de total encantamento, desde a saída da escola até o retorno.

Começamos a visitação pela Morada das Artes, onde trabalham e residem artistas maranhenses. As crianças puderam ver um artista pintando um de seus quadros, viram e experimentaram a argila, matéria-prima para a produção de esculturas. Todos ficaram encantados com a exposição de quadros e de esculturas. Encontraram ali uma escultura de uma serpente, e disseram: “olha a serpente, vem ver!”.

Da Morada das Artes seguimos para a Casa do Maranhão, museu do bumba-meu-boi maranhense. As crianças adoraram ver as maquetes dos mais diferentes sotaques do bumba-meu-boi⁴, dando destaque aos personagens Catirina e Pai Francisco. Perceber o jogo de ilusão de ótica e ver o reflexo de suas imagens em um conjunto de espelhos deu medo inicialmente, em seguida, encantamento. Essa experiência proporciona aos alunos o desenvolvimento do prazer da apreciação e leitura de objetos de arte.

Saindo da Casa do Maranhão, seguimos pela Rua Portugal, onde começa, de fato o passeio de Rafa. As crianças viram e pegaram nos azulejos. São Luís, a capital do Maranhão é conhecida como a “Cidade dos Azulejos”. Sendo que Lisboa, Porto e Coimbra foram as cidades portuguesas que mais exportaram azulejos para a capital do Maranhão.

⁴ Quando das Festas Juninas havíamos trabalhado com as crianças a toada “Maranhão, meu tesouro, meu torrão” de autoria de Humberto do Maracanã, toada esta pertencente ao sotaque de matraca.

Seguimos para a Feira da Praia Grande⁵, de lá para a Rua João Gualberto, subimos a Escadaria Humberto de Campos⁶, de onde avistamos a Igreja do Carmo, passamos pela Praça João Lisboa, onde o “velho está lendo jornal”, (fala das crianças) descemos a Rua do Sol, passamos em frente ao Teatro Arthur Azevedo e descemos a Rua do Ribeirão.

Ao descermos a Rua do Ribeirão uma criança exclamou: “olha a fonte do Ribeirão”, isso com uma visão por detrás da fonte. Chegando de fato na Fonte do Ribeirão⁷, foi uma agitação e tanto, as crianças se encantaram com aquele espaço. Entraram na água e correram atrás dos peixinhos.

Após esse momento de euforia, todos sentaram nas pedras de cantaria e ouviram as explicações do guia de turismo. De lá seguimos para a Praça Benedito Leite e para a Igreja da Sé⁸. Na igreja, as crianças deitaram-se sobre as lápides, ao tomarem conhecimento que ali existiam mortos.

⁵ A "Casa das Tulhas" foi construída em 1820 com a finalidade de ser um espaço onde os lavradores pudessem guardar suas mercadorias e vendê-las pelo melhor preço. Em 1859, sob licença da Câmara de São Luís, a Companhia Confiança Maranhense assumiu a responsabilidade de retirar seus escombros para, em seu lugar, construir a atual Feira da Praia Grande. (MARANHÃO, 2006).

⁶ Humberto de Campos (H. de C. Veras), jornalista, político, crítico, cronista, contista, poeta, biógrafo e memorialista, nasceu em Miritiba, hoje Humberto de Campos, MA, em 25 de outubro de 1886, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de dezembro de 1934.

⁷ Situada entre as ruas dos Afogados e das Barrocas, com lateral para a Rua do Ribeirão, em área correspondente ao antigo Sítio do Ribeirão, depois Largo do Ribeirão, a Fonte representa estimável herança da arquitetura colonial.

Inserida num vasto pátio revestido com pedras de cantaria, é protegida por paredes em alvenaria. Ao fundo, sua fachada é delineada por grande quadro, ladeado por duas pilastras ornadas com frisos e encimadas por coruchéus. Estas pilastras apoiam um entablamento encimado por frontão decorado com símbolos pagãos e cristãos, contendo, no topo, uma estátua de Netuno, em pedra. Abaixo, situam-se três janelas gradeadas de ferro, dando acesso às galerias e, na base, uma série de carrancas de pedra com biqueiras de bronze, através das quais as águas são canalizadas, caindo em tanques lajeados. Daí, por uma espécie de rego, ao longo de pátio, escoam em direção à antiga Praia do Caju. As galerias subterrâneas são o ponto alto da fonte. Segundo a tradição, serviam de comunicação entre várias igrejas locais no tempo dos jesuítas. Têm forma arqueada (abobada de berço) e sentido transversal/longitudinal em grande extensão. (MARANHÃO, 2006).

⁸ Esta igreja é um dos monumentos históricos mais antigos de São Luís. O início da construção foi motivado por uma peste que assolava a população na época. Foi quando, em 1619, o terceiro capitão-mor Diogo Machado da Costa, com o intuito de reforçar a fé dos atingidos pela varíola, mandou, com seus próprios recursos, construir a igreja que daria origem à atual catedral metropolitana. (MARANHÃO, 2006).

Os alunos e as alunas observaram atentamente cada detalhe da Igreja da Sé: as cadeiras de bispos, o altar, as capelas, o teto. Nas escadarias da igreja, sentaram-se para ouvir as informações do guia de turismo.

O guia de turismo informou que na Igreja da Sé se encontrava a serpente encantada, ao que os alunos retrucaram: “aqui não, a cabeça está na Fonte do Ribeirão, a barriga na Igreja do Carmo e a cauda na Igreja de São Pantaleão”. A posteriori, o guia explicou que existem várias versões para a Lenda da Serpente e que em uma das versões ela se encontra na Igreja da Sé.

Seguimos pela Avenida Dom Pedro II, passamos em frente ao Palácio dos Leões, sede do governo do Estado, e paramos na grande muralha defronte a Baía de São Marcos. A essas horas, o mar já estava cheio e o sol estava no poente. Que maravilha, diziam eles e elas: “olha o mar!”, “olha o sol!”. E assim se encerra, o nosso passeio pelo Centro Histórico de São Luís. Todos exaustos, porém felizes.

Na semana seguinte, as crianças viram as fotografias digitais transmitidas do DVD para o aparelho de TV de 29 polegadas da sala de multimídia da escola. As imagens das crianças se encontravam quase que em tamanho real. Eles e elas **nunca** tinham visto suas imagens na televisão. E o que se ouvia era: “olha o artista!”, “olha eu aqui!”, “olha o Marcos!”, “olha o Mateus!”, “olha a Fonte do Ribeirão!”, “olha a gente se fingindo de morto na Igreja da Sé!”. Foi uma festança e tanto.

Quando se pensou em realizar uma atividade como esta, onde o conhecimento transcende o ambiente escolar foi por acreditarmos que a aprendizagem se dá de forma muito mais global quando se permite tal acontecimento.

Em se tratando do conhecimento de lendas de São Luís, não poderíamos negar a estes alunos essa experiência sendo que, como são oriundos de uma comunidade carente, do ponto de vista financeiro, e parte vinda do interior do Maranhão, nunca tinham sequer ido ao centro da cidade – alguns, nunca haviam viajado de carro particular, enfim, o conjunto de aprendizagens, sem dúvida nenhuma, superou todas as expectativas que tínhamos.

Eu, enquanto professora, fiquei verdadeiramente emocionada com as respostas positivas que os(as) alunos(as) me davam a cada comportamento que tinham, pois tudo o que vínhamos conversando em sala de aula, aflorava-se quando estes se deparavam com os espaços reais narrados nas lendas.

Neste momento, é possível percebermos que as aprendizagens foram realmente significativas e que servirão como base para múltiplas aprendizagens futuras.

Dando prosseguimento as atividades do projeto “São Luís: Passado de Glórias, Presente de Transformações e Futuro de Esperanças”, conhecemos a Lenda da Carruagem de Ana Jansen. Na sala escura, somente com uma vela acesa, as crianças do 3º período e da primeira etapa da 1ª série (ou)viram Ana Jansen passar em sua carruagem em uma noite de sexta-feira, e dizer: “quer uma carona, filho?”. Segundo a lenda, Ana Jansen sai do Cemitério do Gavião, nas noites sexta-feira

numa carruagem encantada puxada por cavalos sem cabeça, conduzida por um escravo também decapitado. Dentro do coche maldito a alma penada de Donana, que grita, estala chicotes e carrega uma vela acesa para entregar ao primeiro que encontrar. Uma vela que, pela manhã, se transforma em osso de defunto. (MARQUES, 2002, p. 7).

O aluno Deilson ousou apagar a vela de Ana Jansen e os demais diziam em coro: “amanhã Deilson vai estar só o esqueleto!”. Outros perguntaram: “mas quem não apagou a vela, também vai virar defunto?” A professora respondia: “não, só morrerá quem apagou a vela de Donana”.

CONCLUSÃO

O projeto “São Luís: Passado de Glórias, Presente de Transformações e Futuro de Esperanças”, foi uma oportunidade ímpar para a turma do 3º período vespertino do C.E.I. “Recanto dos Pássaros” no ano letivo de 2005.

As crianças ao final do projeto, conseguiam identificar em livros, revistas, fotografias e cartões postais, os espaços de São Luís que são considerados “cartões postais” e que até a realização desse projeto, eram conhecidos principalmente por turistas.

Na nossa concepção o (a) maranhense desde criança deve ter oportunidades de conhecer a história da sua cidade, do seu Estado, para assim poder valorizá-lo. Talvez se projetos como esses acontecessem com uma frequência maior os nossos monumentos não se encontrariam tão pichados, deteriorados, degradados. Você só aprende a valorizar aquilo que conhece, gosta e ama.

A realização do projeto proporcionou o conhecimento das Lendas que permeiam o imaginário popular maranhense, visita aos espaços narrados e encenados pela turma.

Esse conhecimento tem causado grande autonomia nos sujeitos envolvidos, uma vez que hoje são capazes de discutir até mesmo com pessoas desconhecidas sobre São Luís do Maranhão.

REFERÊNCIAS

CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministral; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e Ler**: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Porto Alegre: Artmed, 2000, v. 1.

_____. **Escrever e Ler**: materiais e recursos para a sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2000, v. 2.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARANHÃO. **Governo do Maranhão**. Disponível em:
<http://www.ma.gov.br/cidadao/saoluis/localidades/avenida_pedro.php>. Acesso em:
28 set. 2006.

MARQUES, Wilson. **Quem tem medo de Ana Jansen?** São Luís, 2002. 40 p.

_____. **Touchê**: uma aventura pela “cidade dos azulejos”. São Luís, 1998. 72 p.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. São Luís: Legenda, 1989.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.